

**Shirley Machado**

# **O SAMSARA**

**1ª Edição**

**São José dos Campos – SP**

**2014**

## O ANO DO CAVALO DE TERRA

O vento agitou as bandeiras coloridas de oração, sibilando pela encosta da montanha como um murmúrio de fé. O próprio monastério parecia se inclinar em respeito à imensa Cordilheira, cujos picos nevados pareciam querer tocar o céu.

Jampa parou para descansar. Sentia-se exausta e trêmula, após a subida íngreme. Caminhara durante muito tempo, cruzando o vale ainda verdejante, até alcançar a Vila onde, no topo da colina, estava o monastério. À medida que caminhava, a vegetação foi ficando escassa, até que toda a paisagem se tornou como uma cinza desolada. Caminhava com dificuldade, manejando a túnica longa, o véu que teimava em lhe cobrir os olhos e o pequeno cestinho onde carregava o bebê.

Curiosamente, ele ficou muito quieto durante o percurso, como se entendesse e respeitasse a dor de sua mãe. Jampa parou apenas duas vezes, para limpar e amamentar a criança. Fez tudo vagarosamente, gravando na retina cada expressão do filho risonho, cada dobrinha de seu corpo e cada som que produzia.

Lágrimas grossas lhe encheram os olhos e escorreram pelas faces, enquanto ela buscava na mente cansada, alguma outra solução, mas foi em vão, pois sabia que estava tomando a única atitude possível naquela situação.

Quem olhasse para ela, naquele momento, com os olhos injetados, as costas arqueadas, a pele sem brilho e o olhar sem esperança, não imaginaria que ela tinha apenas 28 anos.

Sentou-se em uma pedra, tomou água e comeu um pedaço de queijo, que parecia não ter gosto de nada. Precisava de forças para prosseguir e se obrigou a comer. Enquanto mastigava, chegavam a seus ouvidos os sons do festival que entusiasmava toda a gente do lugar.

Os instrumentos de sopro e os tambores marcavam o compasso e sons de riso enchiam o ar. Não conseguiu evitar que seu coração viajasse no tempo.

Exatamente há um ano, durante o Festival, viveu a história que jamais esqueceria.

\* \* \*

Jampa casou-se aos 14 anos de idade, com o homem que seu pai escolheu como era a tradição. Não questionou a autoridade paterna e, até com alegria, recebeu como esposo Nazeer, onze anos mais velho que ela, e um artesão talentoso. Era um homem justo e sério que, ao longo do tempo, se revelou um marido responsável, embora distante, e um pai severo para os cinco filhos que nasceram de sua união.

Nazeer era rígido em seus conceitos, e desaprovava qualquer tipo de distração mundana. Costumava dizer: *“Essas festas corrompem o espírito. As pessoas perdem os limites. Mulher minha não se deixa ver nessas festas onde impera o pecado”*. Embora tentasse argumentar, falando ao marido que o Festival tinha conotação religiosa, nada o demovia e ele manteve a proibição.

Com o tempo ela calou seus pedidos, mas calar não significa concordar, e Jampa sempre se sentiu tentada a contrariar o marido e usufruir algumas horas de alegria, para tornar mais leve sua vida de trabalho pesado.

Assim, quando Nazeer disse que viajaria com uma caravana, tentando conseguir dinheiro vendendo suas peças entalhadas em madeira e trocando sua produção com outros comerciantes, ela assentiu aliviada.

Seu marido partirá há mais de três meses, e somente retornaria em duas semanas. Por isso, naquele dia, não hesitou em deixar as crianças em companhia de Maya, sua

vizinha e única amiga, enquanto trançava os longos cabelos negros e enfeitava a alma com canções. Deixou a casa pobre, onde morava, com passos ligeiros, e cobriu cheia de entusiasmo, a distância que a separava da Vila.

Ao chegar, sua visão foi tomada por uma festa de cores que a deixou fascinada. A rua principal estava apinhada de gente, e Jampa olhava tudo com enorme curiosidade e prazer. Admirou as mulheres ricas do lugar, em suas roupas elegantes e bordadas, com seus toucados que desciam pelas costas, incrustados de fiadas de turquesa.

O vendedor de especiarias anunciava seus produtos aos fregueses em altos brados, ao mesmo tempo em que dava tapinhas afetuosa nas mãos das crianças que corriam por toda parte.

A tenda do mercador de tecidos era especialmente bela, com seus ricos xales de caxemira e pura seda. Algumas pintadas, outras em tons vibrantes, todas tão suaves ao toque.

A dança ritual, realizada com máscaras coloridas, era o ponto alto da festa, e, em determinado momento, as pessoas também podiam participar, o que faziam com grande empolgação.

Após algumas horas, retomou o caminho de casa.

Parou para descansar e ficou, algum tempo, perdida em pensamentos, sentindo-se livre e contente como um passarinho quando ouviu um baque surdo. Um cavaleiro acabara de ser derrubado da montaria.

O cavalo, forte, belo e obviamente indócil, lançou ao chão o homem, que praguejou alto.

- Animal estúpido, desgraçado! Eu sei que você me odeia. E, quer saber de uma coisa? Eu também te odeio! Espere só até terminar a porcaria dessa viagem, e você vai ver o que é bom.

Levantou-se sacudindo a poeira e se virou, constrangido, ao ouvir o riso de Jampa.

- Me perdoe. Não foi minha intenção zombar do senhor, mas isso foi mesmo muito engraçado – Deixou livre o riso e este contagiou o cavaleiro que, tirando o turbante negro, causou um choque na jovem mulher.

- Oh! – disse ela, ao avistar seus cabelos quase dourados. – O senhor não é morador dessas terras. Lamento minha impertinência ao rir tanto. Espero que não tenha se ofendido.

- Ah, deixemos disso – disse o homem. – Já que me viu mesmo nesta situação humilhante, podemos dispensar as formalidades, não? Este cavalo imbecil está me desafiando há dias.

- Está viajando há muito tempo?

- Toda a minha vida. Permita que me apresente: sou William, de Colchester. Estou honrado em conhecê-la – disse com uma mesura elegante.

- Eu sou Jampa. Fico igualmente honrada. Disse que é de onde mesmo?

- Colchester, Inglaterra.

- Ah, sim... – respondeu com o olhar ausente, e ele percebeu que ela não fazia a menor ideia de onde ficava seu país de origem.

-Você mora aqui?

- Na Vila mais próxima – disse Jampa. – Vim para assistir ao Festival. Você também?

- Integro a caravana do Sr. Abdullah, um bom amigo, comerciante. Ele permitiu que eu seguisse com a caravana, assim estaria protegido de assaltantes e até mesmo das armadilhas do clima e da altitude, já que seus guias são experientes.

- Também é comerciante?

- Não. Eu sou um aprendiz.  
- Ah! Que beleza. Aprendiz de quê?  
- Da arte de sobreviver – disse-lhe com uma risada – Já fiz de tudo um pouco nesta vida. Acredite que até amansador de burro eu já fui...

- E como fala nossa língua?  
- Morei na terra de Bod por mais de dois anos e, por lá aprendi alguns dialetos, como o que se fala aqui. Trabalhava confeccionando e vendendo joias. A ourivesaria eu aprendi no Egito, onde também morei por um tempo. Foi assim que conheci o Sr. Abdullah. Ele me encomendou algumas peças e acabou ficando meu amigo.

- Mas, tem família em algum lugar, certamente.

- Infelizmente, não.

- Não? – indagou Jampa, surpresa.

- Meu pai morreu quando eu tinha apenas quatro anos de idade. Não guardo nenhuma recordação dele. Eu tinha 17 anos quando perdi minha mãe e uma irmã mais jovem do que eu um ano, que foram vitimadas por uma febre repentina. Essa febre levou dezenas de outras pessoas na cidade. Sepultei-as e, tendo ficado aos cuidados de um tio, meu tutor, a administração dos bens que a família possuía, saí em viagem. Meu sofrimento era imenso, e nada na vida parecia fazer sentido. Corri mundo desde então, e lá se vão quase vinte anos.

Sentou-se a uma distância respeitosa da jovem mulher, e permitiu que as lembranças aflorassem. Falou por muito tempo, interrompido ocasionalmente por Jampa, que lhe fazia perguntas e a tudo ouviu com muita atenção, encantada com os relatos de tantas aventuras. Parecia ouvir algum ser de outra dimensão, de outro tempo. Ele lhe falou de lugares exóticos, outros perigosos, de batalhas cruéis e romances e, quando narrou um acontecimento especialmente divertido, soltou uma deliciosa gargalhada, que a contagiou e ela pensou: “como ele é bonito!”

- Você não está com fome? Eu estou faminto! – Repartiu com ela o alimento que trazia e, ainda, por longo tempo, continuaram ali, entre risos e comentários, às vezes, tolos. O tempo passou muito depressa, como sempre acontece quando as pessoas estão felizes.

Quando à tarde já se encaminhava para o fim, Jampa se levantou.

- Preciso ir. Ainda tenho um bom pedaço para caminhar e não quero demorar, pois aqui escurece muito rápido nesta época.

- Eu posso levá-la. Aliás, devo levá-la, pois eu a segurei aqui, com as minhas intermináveis histórias.

- Naquele seu cavalo feroz? – perguntou rindo – acho melhor não. Gosto de caminhar e realmente não desejo incomodá-lo. Além disso, não seria apropriado se me vissem cavalgando com um homem que não é da minha família. Peça que me perdoe, mas...

- Eu compreendo perfeitamente. Não precisa ficar constrangida. Apenas gostaria de desfrutar um pouco mais de companhia tão agradável, disse fitando-a intensamente. – A caravana vai permanecer, na cidade, por poucos dias; apenas o tempo suficiente para nos organizarmos, traçar uma rota segura, comprar provisões e descansar os animais, antes de seguir tão distante viagem.

- Entendo.

- Você vai voltar amanhã?

- Sim, voltarei – disse Jampa, em um impulso, e mal disse isso, já se arrependeu, pois não fazia a menor ideia de como poderia fazer tal coisa. Tinha inúmeras tarefas e grande trabalho com os filhos, como sempre, mas quando olhou para William e viu seu

sorriso, o coração deu um pulo em seu peito e admitiu que ela gostaria muito vê-lo novamente.

- Então, eu a esperarei amanhã, na mesma hora em que nos encontramos hoje, aqui neste lugar.

- Está bem, disse sentindo o rosto corar.

- Até breve, então, bela senhora, disse o cavaleiro, tomando sua mão e depositando ali um beijo suave, que lhe causou um delicioso arrepio.

Jampa então se despediu e seguiu em passos lentos, sentindo ainda a mão queimar no local em que ele a beijara. O vento tocava seus cabelos e sua pele, e, de repente, ela se deu conta que se sentia como uma mocinha tola. Tal sensação a divertiu.